

Bola e Boneca

Luiza Helena Tannuri Lameirão
Sandra Eckschmidt



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lameirão, Luiza Helena Tannuri
Bola e boneca / Luiza Helena Tannuri Lameirão,
Sandra Eckschmidt. -- São Paulo : João de Barro
Editora, 2015.

1. Educação infantil 2. Infância 3. Psicologia
do desenvolvimento 4. Psicologia educacional
I. Eckschmidt, Sandra . II. Título.

15-10067

CDD-370.15

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia educacional 370.15

CONCEPÇÃO E AUTORIA

Luiza Helena Tannuri Lameirão

COAUTORA

Sandra Eckschmidt

REVISÃO

Sandra Seabra Moreira

ILUSTRAÇÃO

Maria Cecília Dell'Acqua Tilkian

PROJETO GRÁFICO

Ricardo Tilkian

TEXTOS © LUIZA HELENA TANNURI LAMEIRÃO

TEXTOS © SANDRA ECKSCHMIDT

JOÃO DE BARRO EDITORA LTDA

R. BARÃO DO TRIUNFO 88 SL 1612

CEP 04602-000 SP

editorajoaodebarro@gmail.com

1ª EDIÇÃO NOVEMBRO 2015

Todos os direitos reservados.

É proibido a reprodução desta obra ou parte dela, por qualquer meio
ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópias, gravação ou
outro meio de reprodução, sem a permissão expressa dos autores.

Bola e Boneca

A menina estava de mãos dadas com a sua madrinha. Depois de um longo passeio pela praça em que costumavam ir juntas, pararam diante da vitrine de uma confeitaria. Os olhos da criança, arregalados, engoliam bolos e biscoitos de sua predileção. Antes mesmo que ela lambesse os lábios entreabertos, a madrinha a conduziu a uma mesinha e ali tomaram com alegria um saboroso lanche. Entardecia, e a menina, satisfeita com o passeio, buscou aconchego no colo da madrinha e quis voltar para casa. A madrinha, com carinho, atendeu sua afilhada.

Em nosso tempo, toda criança passa por muitas outras vitrines e prateleiras, e assim, a vida infantil é impregnada por essas percepções. Tudo o que a criança percebe no ambiente é vivenciado intensamente em todo o seu corpo. O que ela pode apenas ver – e não apalpar, cheirar, degustar ou, até mesmo, ouvir o som contido no objeto – inibe a integração das impressões sensoriais. Nossa civilização exacerba as características visuais e o entendimento que se realiza a partir do nexos entre elas. Mas entender quem somos, onde estamos e o que queremos advém de ações fundamentais para a existência humana, que demandam os mais variados campos de percepção, para que nossa compreensão do mundo e de nós mesmos não seja unilateral.

Será que todas as vitrines, prateleiras de supermercados, lojas de brinquedos e shoppings não são apelos intensos demais para as crianças? E como as embalagens tão vistosas e chamativas atuam? Ao observar crianças diante desses espetáculos, seus olhos tateiam à distância, e podemos constatar que elas nem movem as mãos e as pernas, quase não desviam o olhar daquilo que lhes prende a atenção. Algumas podem permanecer mais tempo

nessa contemplação; outras, porém, são logo dominadas pela vontade de experimentar um dos doces, pegar um dos brinquedos ou manusear as embalagens, por isso, batem os pés, puxam o adulto, pedem, insistem, gritam... como que exigindo uma interação maior com o que podem apenas ver. Nem sempre os adultos conseguem conduzir esta situação de maneira satisfatória, de acordo com o que consideram necessário, importante e saudável para a vida infantil.

Quando um dos sentidos tem sua atividade diminuída, os demais se apuram; por exemplo, o deficiente visual compensa a ausência da visão por meio do aprimoramento do sentido do tato. Quanto e de que maneira o excesso de impressões visuais interfere na vida infantil?

Tudo que oferecemos às crianças e o apelo sensorial a que elas são submetidas, especialmente no espaço urbano, é excessivo se pensarmos naquilo que elas realmente precisam. Inclusive o que existe em salas escolares como acervo de brinquedos e livros, muitas vezes, é além do necessário. Oferecer oportunidades às crianças é educativo desde que elas não desenvolvam, com isso, a exigência de consumir sempre mais. Tudo o que é excessivo impede a ordenação, a classificação, o zelo no cuidado.

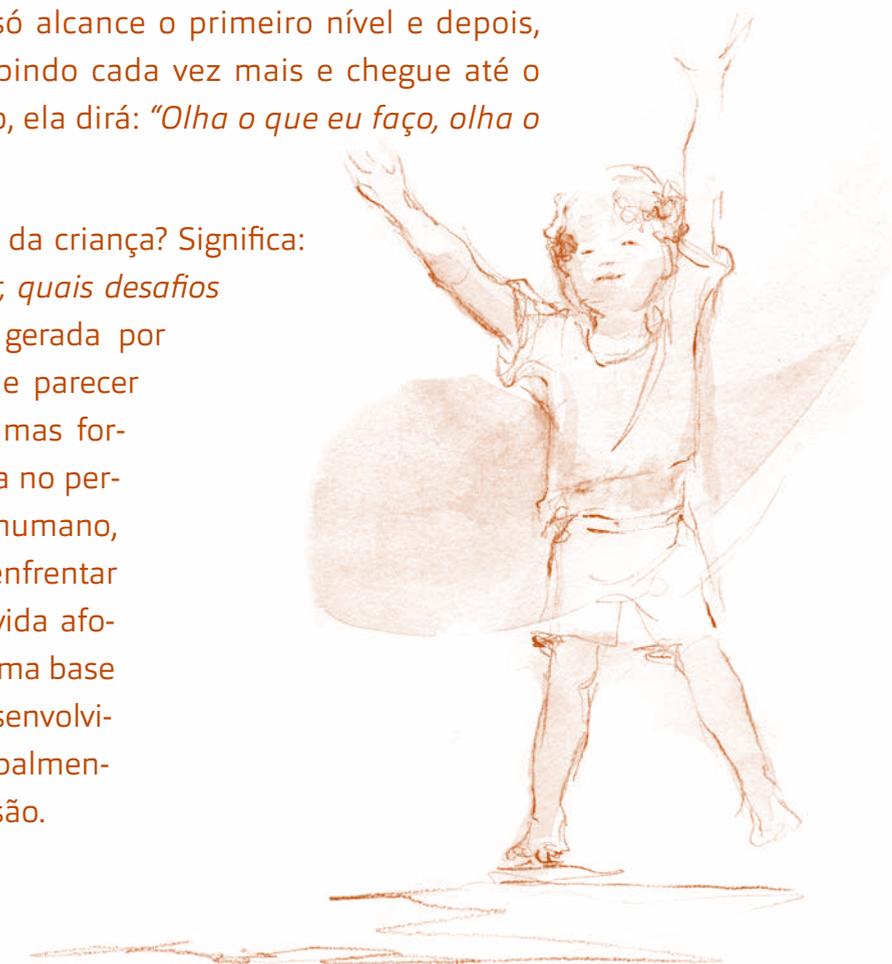
Mesmo que não haja brinquedos disponíveis, meninas e meninos brincam, experimentam o próprio corpo ao correr, pular, saltar, virar cambalhota, dar a mão uns para os outros, se abraçar; tudo isso as crianças fazem, desde que não sejam impedidas. Algumas vezes as inibimos, e o fazemos porque temos receio de que aconteça algum acidente com elas. Outras vezes, buscamos entretê-las para desviá-las dos desafios corporais inerentes às conquistas almejadas por elas.

Quando brinca, a criança exerce a atividade própria, não precisamos prometer nenhuma recompensa para a criança brincar. Não é necessário dizer: “brinca um pouquinho e logo eu vou te dar um pedaço de bolo”. Elas brincam porque isso faz parte da necessidade espontânea que as crianças têm de se ativar. É também dessa forma que elas integram as percepções sensoriais. Quando o educador oferece o ambiente adequado, elas se ativam e aprendem por meio dessa ativação.

Ao brincarem, as crianças também querem conhecer o mundo e, principalmente – dentro do mundo –, elas querem conhecer o ser humano que somos, sobretudo o ser humano que elas mesmas são. Este anseio por conhecer o mundo e a si mesmas se inicia com o enorme esforço que as crianças empenham em conquistar habilidades corporais. É interessante observar que,

quanto mais hábeis elas se tornam na relação com o próprio corpo, mais felizes se sentem. As crianças ficam alegres com cada conquista. Nota-se mesmo que, em pátios escolares ou em praças públicas, pode acontecer de a criança mais quietinha, a menor do grupo, começar a explorar, tentando subir no trepa-trepa; no começo, pode ser que ela só alcance o primeiro nível e depois, ganhando confiança, vá subindo cada vez mais e chegue até o alto. Quando chegar ao topo, ela dirá: *“Olha o que eu faço, olha o que eu faço!”*

Que expressão é essa da criança? Significa: *“Veja o que eu consigo fazer, quais desafios consigo superar”*. A alegria gerada por essa conquista corporal pode parecer singela ao olhar do adulto, mas formará a base para a confiança no percurso do desenvolvimento humano, a confiança que a levará a enfrentar obstáculos e desafios, pela vida afora. A autoestima se eleva. É uma base muito importante para o desenvolvimento cognitivo mas, principalmente, para a autonomia de decisão.



Constatamos que as crianças se ativam espontaneamente, ainda assim, podemos ampliar oportunidades lúdicas ao oferecer brinquedos. Quais seriam os mais decisivos?

A boneca é um deles! O que acontece quando a criança tem uma boneca em seus braços? Qual é o ganho conquistado a partir da interação de uma criança com sua boneca? É o cuidado! A boneca é um apelo ao cuidado. O primeiro ganho é o cuidado com ela mesma. A criança vai exercitando uma forma de cuidar de si mesma. Ao vestir a boneca, estará praticando vestir-se sozinha, um dia. A criança que alimenta sua boneca, conseguirá se alimentar melhor.

Outro ganho é a base – a base mais sólida – da futura competência social. Como uma criança que brincou, que cuidou de sua boneca atuará quando for pai ou mãe? Nós não as instruímos, elas imitam espontaneamente os cuidados que recebem e que vivenciam ao seu redor, enquanto brincam. Se vivenciamos o processo do cuidar enquanto somos crianças, ganhamos a base para a competência social que levará a marca do indivíduo. Entretanto, toda a trajetória de vida pode modificar esta interação, pois também podemos

aprender quando adultos. Podemos aprender os cuidados de puericultura, quais procedimentos são adequados, como alimentar a criança, enfim, sempre aprendemos, durante toda a vida adulta. Mas, a competência social básica, à qual me refiro, diz respeito à maneira como um ser humano se vincula a outro que acabou de chegar, à criancinha. Que vínculo é esse tão necessário na atualidade? É isso que podemos denominar de competência social básica.

É interessante observar que, além dessas duas conquistas – que é cuidar de si mesmo e depois, um dia, poder cuidar de uma criancinha –, existe na relação com a boneca a possibilidade de ela tornar-se uma referência.

No livro autobiográfico *A Roda da Vida*¹, a médica Elisabeth Kübler Ross relata que, sendo trigêmea, estava sempre acompanhada pelas duas irmãs. Certa vez, ela adoeceu e ficou sozinha no hospital, quando, então, ganhou uma boneca. É impressionante este relato autobiográfico que expressa a importância que a boneca teve para ela. Ela não estava mais com as duas irmãs, com as quais esteve desde sempre, e conta como a boneca ocupou esse lugar de referência:

¹ KÜBLER – ROSS, ELISABETH: *A Roda da Vida*, 2ª ed., Rio de Janeiro, ed. Sextante, 1998, p. 32,33.



“... No entanto, depois de vários dias, minha febre baixou e a tosse diminuiu. E, numa manhã, papai apareceu outra vez. Mandou que eu levantasse meu corpo esmirrado da cama e seguisse pelo corredor até um pequeno vestiário.

– Há uma coisinha lá esperando por você – disse.

Embora eu não sentisse as pernas firmes, minha animação levou-me pelo corredor, onde imaginava que encontraria minha mãe e minhas irmãs prontas para me fazerem uma surpresa. Em vez disso, entrei num quarto vazio. A única coisa lá dentro era uma pequena mala de couro. Meu pai enfiou a cabeça pela porta e disse-me para abrir a mala e vestir-me depressa. Eu estava fraca e com medo de cair, além de mal ter forças para abrir a mala. Mas não queria desobedecer a meu pai e talvez perder a oportunidade de ir para casa com ele.

Assim, usei toda a minha energia para abrir a mala. E encontrei a melhor surpresa de toda a minha vida. Dentro, estavam minhas roupas bem dobradas, obviamente por minha mãe, e, por cima de tudo, uma boneca negra. Era a boneca negra com que eu havia sonhado por muitos meses. Peguei-a e comecei a chorar. Nunca tivera antes uma boneca só minha. Nenhuma. Nem um brinquedo ou peça de roupa que não dividisse com minhas irmãs. Mas aquela boneca negra era evidentemente minha, toda minha, claramente distinguível das bonecas brancas de Eva e Erika. Estava tão feliz que tive vontade de dançar – se minhas pernas fracas aguentassem.”



É realmente importante constatar que toda criança tem um objeto de referência. Pode ser um paninho, o travesseiro, um bicho de pelúcia, a chupeta e, frequentemente, a criança os coloca em sua cama. Ainda há crianças que têm como referência objetos de variadas formas e materiais: carrinhos de metal, caixas, cestinhas, livros, toquinhos de madeira, pedras etc. E a criança também os coloca em sua cama e adormece junto a eles. Quais as consequências para a criança quando ela estabelece vínculo com um objeto duro, frio e com arestas, daquele que ela estabelece com sua boneca? Sempre que a criança se vincula, se afeiçoa a algo, isso se torna referência para ela. Mas por que a boneca teria uma condição diferente dos outros objetos?

A boneca é a imagem do ser humano! Ela proporciona o vínculo com tudo o que é humano. Nesse sentido, é preciso atentar para as características da boneca que oferecemos.

O corpo humano tem características próprias: a cabeça bem redonda, a proporção entre cabeça e membros, e membros que se movem. Quando todas essas características estão presentes numa boneca, esta pode representar o humano com autenticidade. Na

criança recém-nascida e no bebê, um quarto de seu tamanho corresponde à cabeça. Esta proporção se modifica no decurso da vida. Como se modifica essa proporção? Conforme se dá o crescimento, o tórax e os membros crescem mais do que a cabeça, ela se torna proporcionalmente menor ao longo do processo de crescimento. Por isso, o bebezinho pode ganhar uma boneca que seja quase só cabeça – mais adiante, exemplificaremos como é fácil confeccionar tal boneca. A criança maior precisa de uma boneca que seja mais parecida com ela mesma. Muitas bonecas, mesmo as confeccionadas de tecido, têm a cabeça achatada, em forma de disco. Mas o disco não é a forma de nossa cabeça. E ainda podem ter grande desproporção entre cabeça e membros.

E quanto aos meninos: quais são os “bonecos” que eles ganham? Monstros, “transformers”, super-heróis, enfim, uma infinidade de tipos de bonecos que até possuem garras! Que referência é essa? Ao invés de ter mãos que podem acariciar, aprender tantas coisas, o boneco tem garras! E nos aparelhos de televisão, tablets e celulares, o que a criança vivencia, uma vez que nem mesmo a tridimensionalidade está presente?

Quando oferecemos à criança a imagem de ser humano que pode ser ela mesma, precisamos atentar para as proporções e a forma humana, no sentido de que essa imagem seja a mais propícia para o desenvolvimento do afeto.

A partir destas reflexões sobre a importância da relação afetiva que se estabelece entre a criança e a boneca, podemos nos perguntar: qual seria o lugar adequado para guardá-la? É necessário privilegiar o acesso da criança à boneca. Existem algumas tão elaboradas e delicadas que acabam por ser colocadas em prateleiras envidraçadas; elas ficam ali, bem bonitas, como se estivessem numa vitrine. As crianças apenas olham. E nesta situação, qual é o vínculo que elas podem estabelecer? Certamente, não há cuidado, nem zelo, nem aconchego nessa relação.

É muito importante que cada coisa tenha seu lugar; cada ser humano busca seu lugar no mundo. Quando as crianças aprendem que tudo tem seu devido lugar, elas também exercitam qual é o seu espaço. É claro que elas ainda não o conhecem racionalmente, isso é um processo. Podemos levar a vida inteira buscando saber qual é nosso lugar no mundo. Este anseio nos acompanha sempre, e

quando vivenciamos: “aqui é o meu lugar, esta é minha tarefa”, isto nos entusiasma, nos faz seguir em frente!

Assim, sobretudo com as bonecas, cuidamos para que tenham o seu lugar. Qual é o local mais adequado? Depende do espaço disponível, da idade da criança e da autonomia que ela tem para lidar com os brinquedos. Para um bebê não é necessário guardar a boneca, pois ela pode estar ao seu lado, no berço. Quanto menor a criança, tanto mais necessário é que ela tenha a sua boneca. Constantemente, procuramos fazer com que a criança compartilhe o que possui com os irmãos, os colegas; mas a possibilidade de dividir com alguém é posterior à percepção de si mesma, fato que ocorre por volta dos três anos de idade, quando a criança percebe a si mesma e se denomina “Eu”.

Presenciei uma relação maravilhosa entre os bebês e suas respectivas bonecas, em um berçário, onde as educadoras fizeram uma boneca de pano para cada um dos bebês. Elas confeccionaram, bordaram o nome de cada criança, e essas bonecas ficavam no berço sempre junto aos bebês.